mq mit est ern nis

blimunda 86

mensal julho 2019

fundação josé saramago

Editorial

VIDA LONGA À FLIP

Leituras

SARA FIGUEIREDO COSTA

Estante

ANDREIA BRITES E
SARA FIGUEIREDO COSTA

MANIFESTO FEMINISTA

SARA FIGUEIREDO COSTA

A casa da Andrea

ANDREA ZAMORANO

MARGARIDA FONSECA SANTOS

ANDREIA BRITES

And the winner is...

ANDREIA BRITES

Espelho meu

ANDREIA BRITES

saramaguiana

DISCURSO EM BRASÍLIA

JOSÉ SARAMAGO

AGENDA

Epígrafe

JOSÉ SARAMAGO

blimunda n.º 86 julho 2019

DIRETOR
Sérgio Machado Letria
EDIÇÃO E REDAÇÃO
Andreia Brites
Ricardo Viel
Sara Figueiredo Costa
REVISÃO
FJS
DESIGN
Jorge Silva/silvadesigners

Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

PROPRIETÁRIO
Fundação José Saramago
NIPC
508 209 307
SEDE DO EDITOR E DA REDAÇÃO
Casa dos Bicos - Rua dos Bacalhoeiros, 10
1100-135 Lisboa Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10 – 1100-135 Lisboa - Portugal
blimunda@josesaramago.org – www.josesaramago.org
N. registo na ERC 126 238
Os textos assinados são da responsabilidade
dos respetivos autores.
Os conteúdos desta publicação podem ser
reproduzidos ao abrigo da Licença Creative Commons

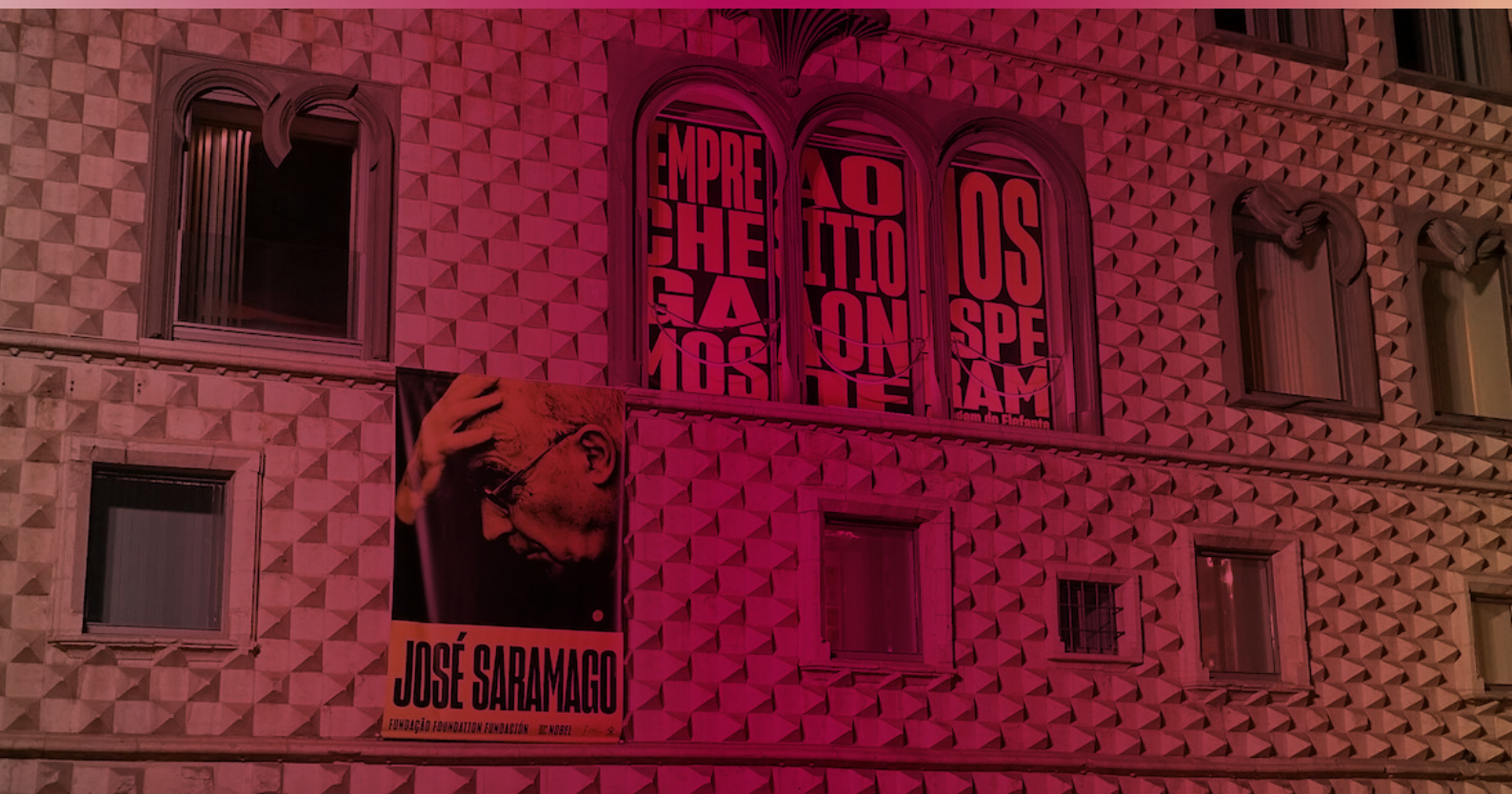
Fundação
José Saramago
The José Saramago
Foundation
Casa dos Bicos

Onde estamos
Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa
Tel: (351) 218 802 040
www.josesaramago.org
info.pt@josesaramago.org

Como chegar Getting here
Metro Subway
Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses
25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Seg a Sáb
Mon to Sat
10-18h
10 am to 6 pm



EDITORIAL
VIDA LONGA À FLIP

A Fundação José Saramago esteve presente na 17.ª edição da FLIP, a Festa Literária Internacional de Paraty, no Brasil. A convite do Sesc, e também do Instituto Moreira Salles e da TAG Experiências Literárias, Pilar del Río, presidenta da FJS, participou de várias atividades no principal encontro literário brasileiro.

Num momento em que a literatura, as artes em geral e o pensamento crítico estão a ser duramente atacados no Brasil, é muito importante que espaços como o da FLIP estejam fortalecidos. Em Paraty, durante os cinco dias do evento, falou-se de livros e sobre livros que abordam diversas temáticas. Desastres ambientais, regimes autoritários, racismo, género, raça, migrações, barbárie, intolerância, foram apenas alguns dos assuntos que atravessaram a FLIP deste ano.

Em 2017, em parceria com a Fundação Casa de Jorge Amado, a Fundação José Saramago teve um espaço próprio na FLIP, uma casa para celebrar a literatura em língua portuguesa. Passados dois anos, é com alegria que constatamos o crescimento dessa programação paralela — ou talvez complementar — à proposta pela organização do evento. A ampliação das atividades que acontecem nas casas-parceiras enriquece e democratiza ainda mais o debate em torno dos livros em Paraty.

“É a literatura o que, inevitavelmente, faz pensar. É a palavra escrita, a que está no livro, a que faz pensar”, disse certa vez José Saramago. Desejamos vida longa à FLIP, essa festa brasileira dos livros, e que a palavra escrita se espalhe pelo Brasil e convoque as pessoas a pensar. «No interior de cada país está o seu destino», também disse o autor de *Todos os Nomes*. Que o destino do Brasil se faça com livros.

A extinção das línguas

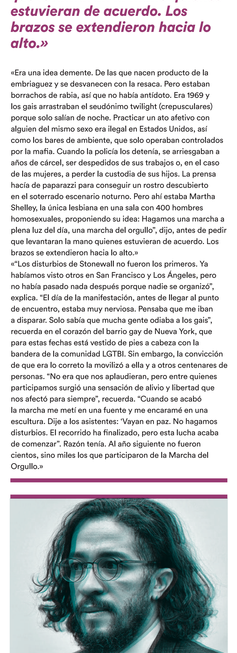
En realidad, 6.700 no son tantas lenguas. Más bien, son pocas. Son creaciones preciosas, irrepetibles, que se escurren desahuciadas por las grietas de la historia. Cada dos semanas, se muere una.

No *El País*, o escritor galego Manuel Rivas escreve sobre o desaparecimento das línguas, bem como sobre algumas tentativas de o contrariar, como a que Aníbal Otero ajudou a levar a cabo durante os trabalhos de recolha do Atlas Linguístico da Península Ibérica. Estamos no Ano Internacional das Línguas Indígenas e a ONU assinala o risco de aniquilação de muitas das 6700 línguas que se falam no mundo: «En realidad, 6.700 no son tantas lenguas. Más bien, son pocas. Son creaciones preciosas, irrepetibles, que se escurren desahuciadas por las grietas de la historia. Cada dos semanas, se muere una. Porque con el hipercapitalismo todo se ha acelerado, también las pompas fúnebres. Podríamos estar hablando de des-extinción, eso sería lo civilizado. Como ocurrió con el hebreo, recuperado in extremis por Eliezer Ben-Yehuda. En los encuentros de este año simbólico, entre los especialistas preocupados por la vida de las lenguas prevalecen dos posiciones. Una, pesimista, que sostiene que hacia el final de este siglo habrán desaparecido la mitad de las lenguas del mundo. Otra, más pesimista: el 95% de las lenguas no llegarán al año 2100.»

Bell Hooks

O racismo e o sexismo institucionalizado, enquanto patriarcado, estão na base da estrutura social, neste caso norte-americana, mas extrapolável para tantas outras, e é ainda neste padrão que a maior parte das pessoas são sociabilizadas.

No site Buala, Marta Lança assina uma recensão sobre a recente edição em português do livro *Não Serei Eu Mulher?*, de Bell Hooks, com chancela da Orfeu Negro, obra essencial para a reflexão sobre os muitos modos onde os discursos do sexismo e do racismo se cruzam. «(…) esta "jovem negra destemida do Kentucky rural" (p.11), durante os tempos da sua politização na faculdade, ambicionando ser mulher livre e independente, escreve em 1981 este livro-manifesto que só viria a ser publicado próximo dos seus trinta. *Não Serei Eu Mulher?* tornou-se um clássico sobre a exigente disputa das mulheres negras para encontrar o seu modo de viver o feminismo. Se ainda hoje a defesa de um feminismo interseccional, que relacione questões raciais e de género, ainda é desprezada, a discussão emancipadora e nada fácil de aprender socialmente, era antecipada.
Num estilo muito coloquial, não raramente circular em termos argumentativos, o livro revista — na história, na literatura (ensaio e jornalismo) e nos desafios da sociedade americana — o impacto do sexismo durante a escravatura, a desvalorização da feminilidade negra, o sexismo tanto de homens negros como brancos, as ligações entre imperialismo e sexismo, o racismo camuflado no feminismo e a participação (resistência) da mulher negra no feminismo. À laia de conclusão, a autora defende que o racismo e o sexismo institucionalizado, enquanto patriarcado, estão na base da estrutura social, neste caso norte-americana, mas extrapolável para tantas outras, e é ainda neste padrão que a maior parte das pessoas são sociabilizadas.
À crítica aos vários feminismos que deixaram de lado as experiências e lugares sociais das mulheres negras, ressalta-se como as mesmas tiveram de desbravar o seu próprio caminho de resistência. A identidade mulher (que Judith Buttler viria a desconstruir problematizando a construção de género) é em hooks contestada. A realidade da exclusão sistemática de um imenso grupo de mulheres, racial e sexualmente oprimidas ao longo da História, "sempre percecionadas como o Outro, [como] seres desumanizados" (p.222) faz com que o termo "mulher" descredibilize a sua universalidade.»



Martha Shelley, a mulher que ajudou a erguer Stonewall

«Hagamos una marcha a plena luz del día, una marcha del orgullo", dijo, antes de pedir que levantaran la mano quienes estuvieran de acuerdo. Los brazos se extendieron hacia lo alto.»

«Era una idea demente. De las que nacen producto de la embriaguez y se desvanecen con la resaca. Pero estaban borrachos de rabia, así que no había antídoto. Era 1969 y los gais arrastraban el seudónimo twilight (crepusculares) porque solo salían de noche. Practicar un ato afetivo con alguien del mismo sexo era ilegal en Estados Unidos, así como los bares de ambiente, que solo operaban controlados por la mafia. Cuando la policía los detenía, se arriesgaban a años de cárcel, ser despedidos de sus trabajos o, en el caso de las mujeres, a perder la custodia de sus hijos. La prensa hacía de paparazzi para conseguir un rostro descubierto en el sotertado escenario noturno. Pero ahí estaba Martha Shelley, la única lesbiana en una sala con 400 hombres homosexuales, proponiendo su idea: Hagamos una marcha a plena luz del día, una marcha del orgullo", dijo, antes de pedir que levantaran la mano quienes estuvieran de acuerdo. Los brazos se extendieron hacia lo alto.»
«"Los disturbios de Stonewall no fueron los primeros. Ya habíamos visto otros en San Francisco y Los Ángeles, pero no había pasado nada después porque nadie se organizó", explica. "El día de la manifestación, antes de llegar al punto de encuentro, estaba muy nerviosa. Pensaba que me iban a disparar. Solo sabía que mucha gente odiaba a los gais", recuerda en el corazón del barrio gay de Nueva York, que para estas fechas está vestido de pies a cabeza con la bandera de la comunidad LGTBI. Sin embargo, la convicción de que era lo correto la movilizó a ella y a otros centenares de personas. "No era que nos aplaudieran, pero entre quienes participamos surgió una sensación de alivio y libertad que nos afectó para siempre", recuerda. "Cuando se acabó la marcha me metí en una fuente y me encaramé en una escultura. Dije a los asistentes: 'Vayan en paz. No hagamos disturbios. El recorrido ha finalizado, pero esta lucha acaba de comenzar". Razón tenía. Al año siguiente no fueron cientos, sino miles los que participaron de la Marcha del Orgullo.»

Jean Wyllys na primeira pessoa

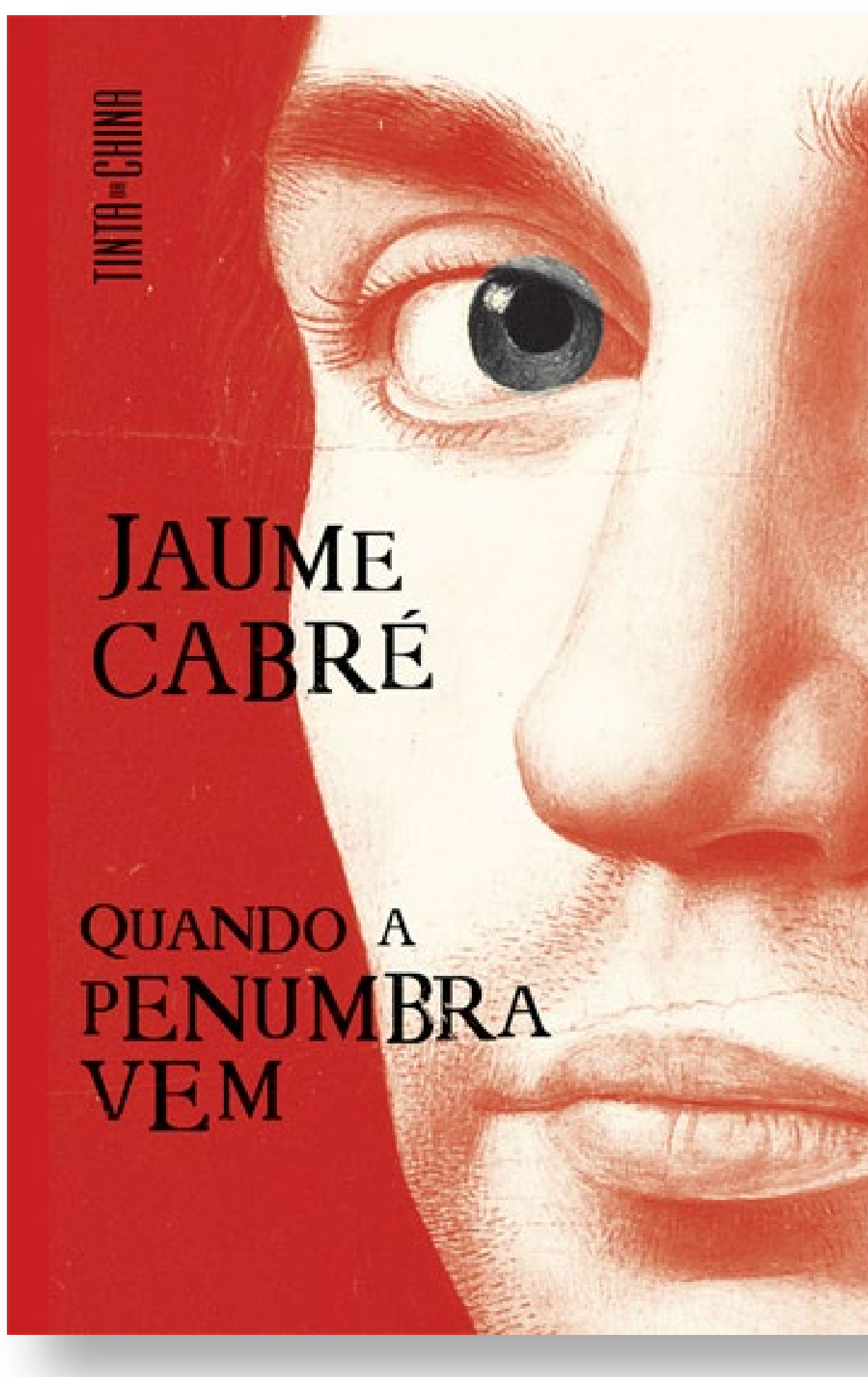
No passado mês de junho, em Paris, o Teathre Monfort recebeu Cartas a Lula, uma reunião de várias pessoas, entre figuras públicas e gente culo nome só será reconhecido pelos mais próximos, que escreveram cartas a Lula da Silva desde o momento em que o político foi preso, no Brasil. Chico Buarque e Jean Wyllys, o deputado que se exilou recentemente na Europa, entre outros, subiram ao palco para dar voz a pessoas que escreveram a Lula através das suas cartas e, antes do espetáculo, Jean Wyllys deu uma entrevista aos *Jornalistas Livres*, agora disponível em vídeo no site deste meio de comunicação.

SARA FIGUEIREDO COSTA

LEITURAS

QUANDO A PENUMBRA VEM
JAUME CABRÉ
TINTA DA CHINA
TRAD. MIGUEL FILIPE MOCHILA

É no epílogo que Jaume Cabré desvenda a arquitetura que construiu para este livro, o mais recente volume de contos de um autor que os tem cultivado com mestria. A ideia de agrupar narrativas de um modo lógico ecoa em Cabré a partir de um outro escritor, Riera Lorca, que «defendia que os livros tinham de ser construídos com contos que tivessem uma ligação, uma atmosfera comum, uma relação não necessariamente argumental, mas relação ao fim e ao cabo.» (pg.243) É precisamente o que acontece neste *Quando a Penumbra Vem*, o quarto livro do autor catalão traduzido para português (os outros títulos disponíveis são romances, todos na Tinta da China), cujos contos vão desvendando as suas tangentes, umas vezes mais obviamente, outras nem tanto, assumindo cada um deles a resposta plena ao título que os agrupa. Começar a leitura pelo epílogo poderá soar a ameaça que anule o prazer de ir decifrando as ligações entre as diferentes narrativas que compõem este livro. Na verdade, não há revelações narrativas neste texto final, mas antes uma reflexão sobre a escrita, em particular a escrita de contos, que dá à prosa de Jaume Cabré dimensões que já se anteviam e que assim se confirmam.

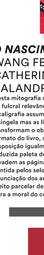


Sabemos de antemão que a morte é tema comum às histórias que aqui se juntam, mas o modo como esse tema atravessa o livro é múltiplo nas suas declinações, umas vezes encarando o fim com o peso trazido pela sua inevitabilidade na natureza humana, outras como mecanismo nascido de um gesto alheio, de vingança, cobrança ou instinto. É uma filigrana discreta que se vai erguendo entre os contos: assassinos a soldo, homicidas acidentais, mulheres maltratadas, velhos que enfrentam o momento final, crianças sem outra saída que não a desforra. Aqueles que matam têm uma presença preponderante nestas narrativas. Sem os entraves da moral social ou autoimposta, Cabré investiga as muitas motivações que transformam um pacato cidadão num homicida. Na verdade, a pacatez era quase sempre ilusória, mas ainda assim há um gesto claro no sentido de tentar compreender os processos, os impulsos, as justificações, sejam ou não socialmente aceitáveis. Em «Paraíso», um homem que violou e assassinou várias raparigas fala sobre si próprio, contrastando a autoimagem contida e posta em sossego com o modo como os outros o veem e cuja violência atribui a fatores externos, como a prisão ou as atitudes de quem o rodeia, e não tanto aos seus atos: «A culpa foi dela, juro que não a queria matar. As coisas foram como foram porque era uma choramingas do pior.» (pg.105) Em «Buttubatta», um homem é morto por ser assumido pelo seu interlocutor como um assassino, apesar de tudo se tratar de uma partida entre amigos, o que faz do homicídio uma legítima defesa, obviamente impossível de provar – ou aceitar. E em «Os Homens Não Choram», um conto construído com linguagem crua e impiedosa a fazer nascer uma narrativa de contornos arrrepiantes, a morte é o fechar de um círculo, o apaziguamento possível para uma vida destroçada desde cedo. Não há moral da história em nenhuma das histórias, como se esperaria do criador de personagens sempre complexas, contraditórias e sem outro remédio que não deixarem-se ir andando, e às vezes perdendo, nos seus próprios labirintos. O que há é uma vontade assumida de explorar esses mesmos labirintos, perscrutando-os sem avisos prévios e deixando que o texto avance, embata em saídas fechadas e se construa como percurso e não como lema moral. E há uma prosa de primeira água, como é apanágio de Cabré.

ANDREIA BRITES
SARA FIGUEIREDO COSTA

AUTOBIOGRAFIA
JOSÉ LUÍS PEIXOTO
QUETZAL

O novo romance de José Luís Peixoto cruza os territórios da ficção e da não ficção, desafiando os limites de cada território e colocando em cena José Peixoto e o próprio autor, ambos personagens de uma ficção maior, cujas linhas se cruzarão à medida que a narrativa avança e se vai transformando de modos inicialmente inesperados.

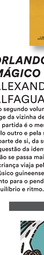


O NASCIMENTO DO DRAGÃO
WANG FEI, MARIE SELLIER, CATHERINE LOUIS KALANDRAKA

Nesta miscigenação sobre o nome do Dragão, elementos de fulcral relevância na tradição chinesa, a ilustração e a caligrafia assumem um lugar de destaque. A narrativa é singela mas as linogravuras, os selos e os caracteres transformam o objeto numa obra de arte. O próprio formato do livro, na sua verticalidade, acompanha a disposição igualmente vertical dos caracteres chineses. A reduzida paleta de cores fortes e os contornos generosos invadem as páginas com uma exuberância paradoxalmente contida pelos selos e pelos caracteres. Acompanhando a enunciação dos animais que darão origem ao dragão, o efeito parcelar de cada um vai-se enredando, colaborando para a moral do conto.

O PÁSSARO DA PERFEIÇÃO
SÉRGIO SANT'ANNA
TINTA DA CHINA

Seleção de contos de um dos grandes escritores da literatura brasileira contemporânea. No posfácio, Gustavo Pacheco escreve: «Os contos aqui reunidos abarcam todas as fases da carreira do autor e refletem suas principais obsessões. Embora sejam muito diferentes entre si, guardam certos elementos comuns, como a frase exata, direta e escorreita.»



DESCONHECIDA NUM COMBOIO
JENNY DISKI
TINTA DA CHINA

O novo volume da coleção de viagens da Tinta da China regista a viagem de Jane Diskin pelos Estados Unidos, a bordo dos comboios cujas janelas funcionam como uma moldura, precisa e delimitada, para aquilo que vai vendo lá fora e também para o que vai vivendo e imaginando lá dentro.

ORLANDO E O TAMBOR MÁGICO
ALEXANDRA LUCAS COELHO
ALFAGUARA

É o segundo volume dedicado ao menino curioso que foge da vizinha de baixo como o diabo da cruz. O ponto de partida é o mesmo, a curiosidade pelo desconhecido, pelo outro e pela sua história. Sendo que o outro também é parte de si, da sua identidade mesclada. Neste livro a questão da identidade torna-se mais central já que a ação se passa maioritariamente na Guiné Bissau onde a criança viaja pela primeira vez acompanhando o pai, músico guineense. Talvez por isso a narrativa não revele tanto para o pendor didático da primeira e flua com mais equilíbrio e ritmo.

ENTRE CEGOS E INVISÍVEIS
ANDRÉ DINIZ
POLVO

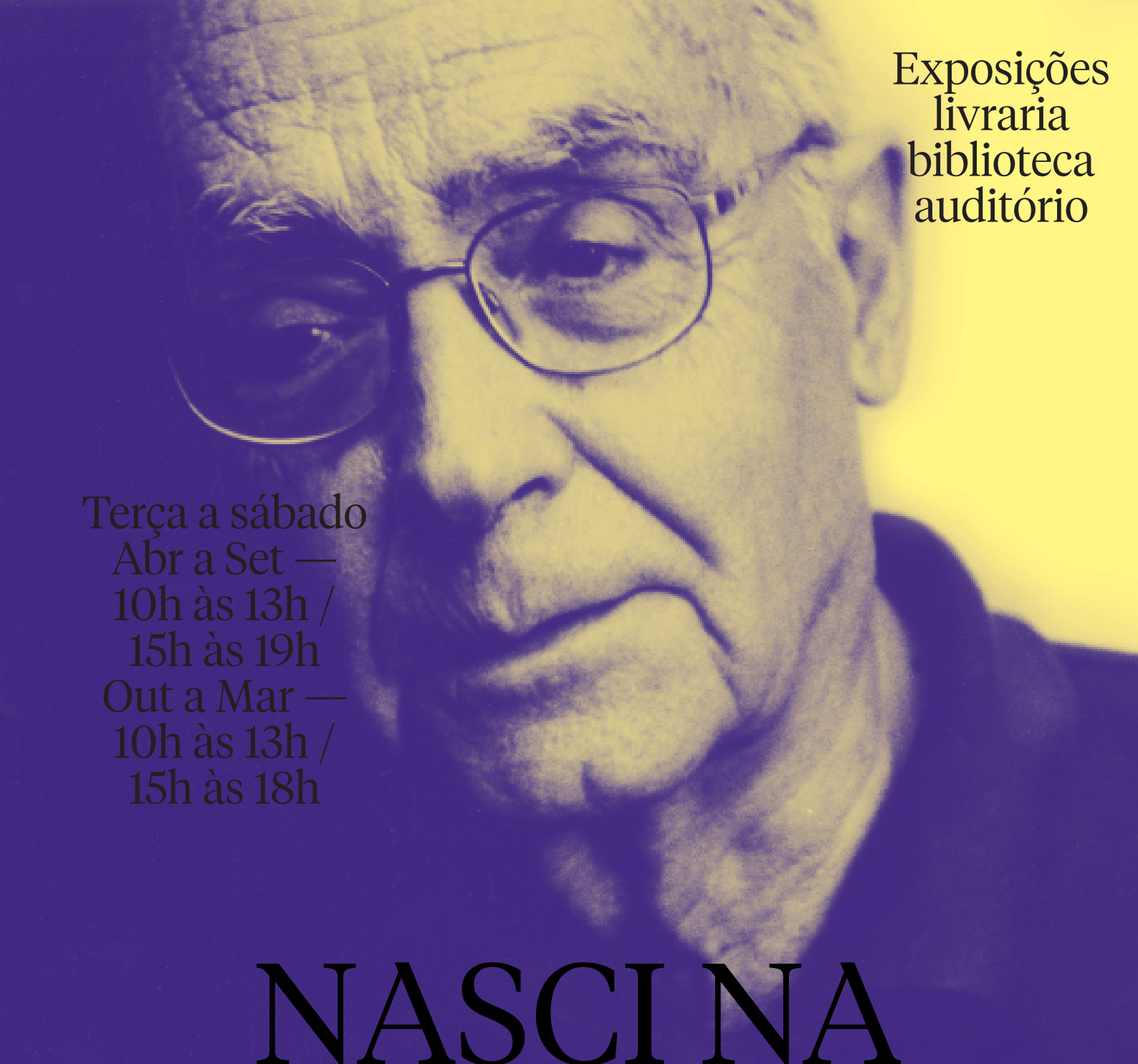
Em 1971, Jónas e Leona percorrem a estrada de regresso a casa, depois do enterro do Coronel Gilberto Couto, o pai que nunca os reconheceu oficialmente, e as descobertas sucedem-se. A banda desenhada de André Diniz, um dos mais prolíficos autores brasileiros da atualidade, coloca em cena a ideia da verdade e o seu permanente confronto com as revelações que a alteram a cada passo.

RASGOS COMUNES. ANTOLOGÍA DE LA POESÍA VENEZOLANA DEL SIGLO XX
VVAA
PRE-TEXTOS

Com organização e edição de Antonio López Ortega, Miguel Gomes y Gina Saraceni, esta antologia confirma a vitalidade da produção poética venezuelana. Entre os autores representados nas quase mil e duzentas páginas do livro encontram-se Francisco Lazo Martí, Enriqueta Arvelo Larriva, José Antonio Ramos Sucre, Juan Sánchez Peláez (homenageado no título deste volume) ou Ana Nuño.

UMA GIRAFA RETICULADA, UMA ZEBRA BEM RISCADA E UMA GRANDE CAMINHADA
MANUELA CASTRO NEVES, MADALENA MATOSO
CAMINHO

Uma fábula sobre o ambiente e o valor da leitura dá voz a uma zebra e uma girafa que gostam de ler e um dia descobrem a expressão salva de batido. O texto, tal como outros da autora, prima pelo jogo de sentidos, rimas e ritmo. Já as ilustrações jogam com o recorte e a justaposição de formas para definir os espaços e revelar a exuberância da selva natural em contraponto com a fria e desnudada selva de betão que a girafa e a zebra procuram e encontram. É justamente ao longo do relato da viagem que o espaço para o texto se expande na página, culminando na triste revelação dos prédios cinzentos. A partir daí, haverá ideias, ações e mudanças.

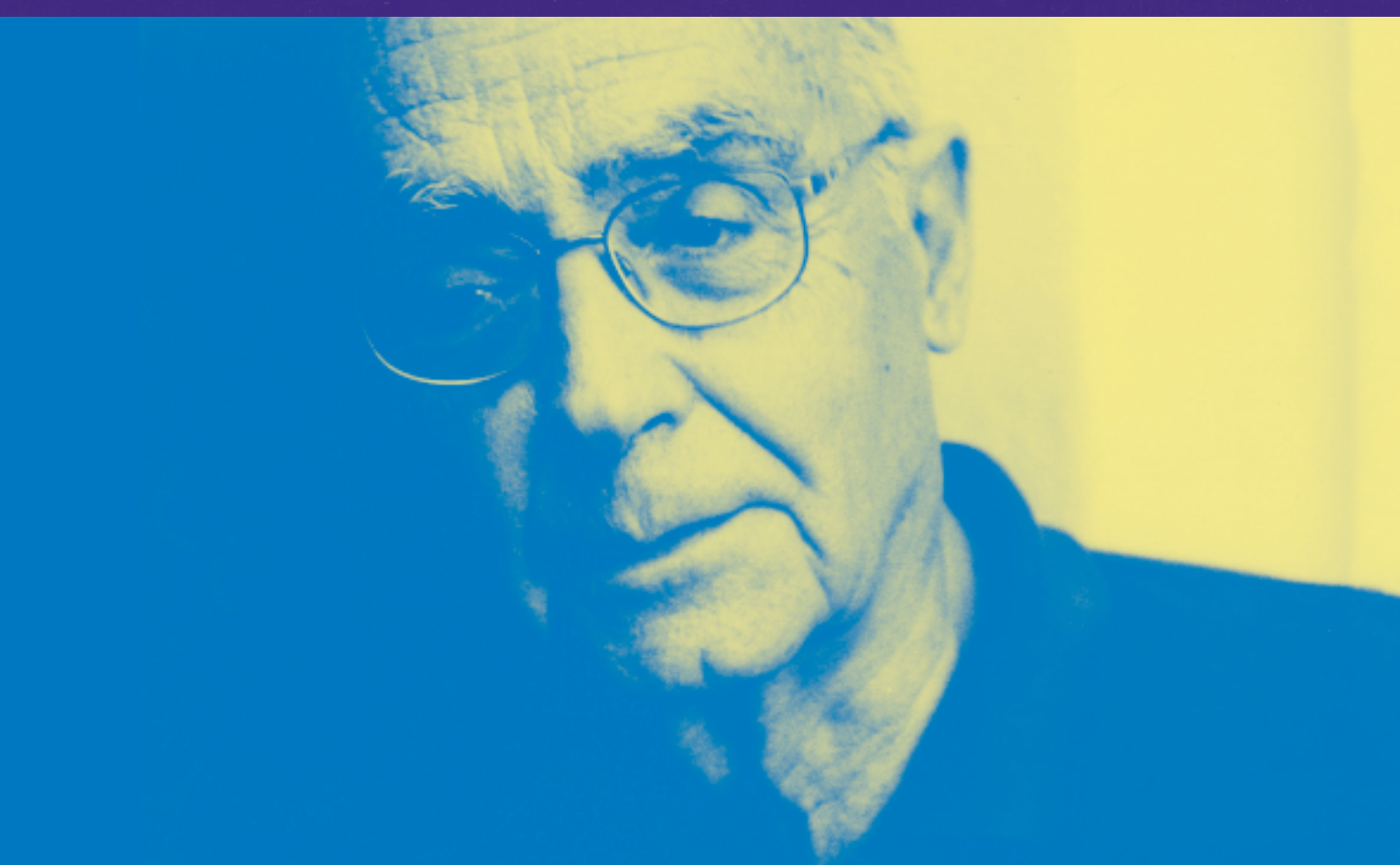


Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA

GOLEGA 10 ANOS YEARS AÑOS Fundação José Saramago



AMIGO DE SARAMAGO

SEJA AMIGO DA FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO E DESFRUTE DAS VANTAGENS

www.josesaramago.org

Fundação José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10, 1100-135 Lisboa
Tel. (+ 351) 218 802 040
www.josesaramago.org

assine o

suplemento pernambuco

anual — **R$ 60**
bianual — **R$ 100**

CASA JOSÉ SARAMAGO

ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

EM ÓBIDOS

SARA FIGUEIREDO COSTA

Uma mulher com lenço vermelho na bolinhas e a manga da camisa azul arregaçada, ao estilo do Tio Sam, acompanha a frase «We Can Do It!». O cartaz foi criado nos anos de 1940 nos Estados Unidos, para motivar as trabalhadas mulheres nas fábricas durante a II Guerra Mundial e procurando evitar o absentismo e desencorajar as greves. Décadas mais tarde, a imagem foi recuperada pelos movimentos feministas e várias vezes adaptada a situações concretas, como aconteceu há dois anos, quando a *The New Yorker* rendeu-o à poster na sua capa, usando a imagem de uma mulher negra e substituindo o lenço vermelho por uma *pussy hat* cor-de-rosa, igual ao que muitas mulheres usaram durante a Marcha das Mulheres, no dia da tomada de posse de Donald Trump como presidente dos EUA. Entre essas duas imagens, múltiplos caminhos se teriham na conquista dos direitos das mulheres, nos debates sobre que direitos são ou devem ser esses e nos diferentes movimentos que foram nascendo em torno da questão. A generalização de tudo isto só existe em alguma imprensa e no modo pouco refletido com que se fala do feminismo.

Nancy Fraser, Tithi Bhattacharya e Cinzia Arruzza escreveram um livro que percorre algumas das questões centrais do feminismo e das suas representações sociais e mediáticas, apresentando um conjunto de propostas muito concretas para mudar o rumo comum e o género continua a ser motivo de desigualdade em todo o mundo. *Feminismo Para os 99% — Um Manifesto*, agora publicado em Portugal pela Objetiva, parte de uma oposição à ideia de conquistar lugares de poder como forma de assegurar a igualdade e parte, sobretudo, de um anti-capitalismo assumido, uma visão do mundo que pretende alcançar uma nova justiça social e não tanto remediar as desigualdades existentes como se o próprio sistema em que existem não fosse a sua causa. «Devemos ser capazes de perseguir "o domínio da igualdade de oportunidades" enquanto o planeta arde? Ou devemos reprender a justiça de género num formato antiquado que, *par nos dizer*, a atravessar a crise atual em direção a uma nova sociedade?» (pg.24), escreve-se no texto de abertura. «*Este Manifesto* é a nossa forma de promover esse "outro" feminismo. Escrevemo-lo não para esbogar uma utopia imaginada, mas para traçar um caminho que deve ser feito para alcançarmos uma sociedade justa.» (pg.16) Esse caminho, para as autoras do manifesto, passa por desafiar os muitos mecanismos económicos, sociais e culturais em que assenta o sistema capitalista, reclamando um feminismo de visão universal, que tenha em conta as muitas realidades de discriminação de género que não cabem na simples exigência de haver mais mulheres a liderar empresas. As mulheres que trabalham de sol a sol nos campos de arroz do Sudeste asiático, as que enfrentam condições laborais aterradoras nas fábricas mexicanas, as que lutam contra a exclusão em vários países africanos, as que, vivendo em países onde teoricamente poderiam ascender aos tais cargos de topo e liderança, habitam as franjas da sociedade noticiável, nenhuma delas terá muito que ouvir se ver no discurso da igualdade empresarial. Englobar essas mulheres na luta, expandir as outras discriminações que se cruzam com a de género, do racismo à homofobia, da imposição do binarismo de género à assunção de um papel reprodutor, bem como discutir problemas sistémicos que aparentemente (e talvez só aparentemente) nada têm que ver com o feminismo, como é o caso da ecologia, é missão afirmada por este manifesto desde a primeira página.

Partindo das contradições do próprio sistema capitalista, as autoras desenvolvem as suas teses políticas em capítulos breves, cada um dedicado a analisar aspetos particulares desse sistema e a apresentar propostas para a sua alteração. A reflexão sobre os cruzamentos entre racismo e colonialismo e patriarcado, ou entre as listas LGBTQ+ e o feminismo compõem os capítulos com maior novidade, não porque os movimentos feministas não discutam esses temas há muito, incorporando-os nas suas lutas, mas porque a imagem uniformizada – e, por vezes, caricaturada – desses movimentos transmitida pelos media não costuma abarcá-los. Ecoando o *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, publicado em 1848, o que este pequeno proclama é que ainda um espetro pelo mundo, o do feminismo, e que tendo em conta as tantas vozes que tentam desvirtuá-lo ele é urgente privilegiada dessas vozes, talvez tenha chegado a altura de assumir a urgência de mudar tudo. E este tudo não é o pouco presença de mulheres nos altos cargos empresariais ou governamentais, é o sistema que assenta parte das suas fundações na desigualdade de género, amparado por várias outras desigualdades que se foram entrelaçando ao longo do tempo e compondo alicerces que muitas vezes inabaláveis. A isso ainda se chama uma revolução, por mais que a palavra tenha sido banalizada em músicas pop ou anúncios de refrigerantes, e é exatamente isso que Nancy Fraser, Tithi Bhattacharya e Cinzia Arruzza defendem neste *Manifesto*. Se dessa defesa nascerão consequências, resta-nos esperar para ver.

Agora o Sócio Gerador vem com o cartão para a cultura portuguesa.

+experiências
+descontos
+assinatura Revista Gerador

Sabe tudo em
gerador.eu/cartao-socio-gerador

A Casa da Andrea

RESI—

LIÊNCIA

Andrea Zamorano

Resiliência lembra

a cor do âmbar. Amarelo da resina aprisionante, endurecido porém maleável. O âmbar tem a dureza de uma unha. Espera-se que cada pessoa tenha a sua própria palavra de origem, uma espécie de signo do zodíaco lexical que lhes imprime uma natureza. Por isso fazes de conta que acreditas, que não notas. E é um crer com tanta convicção que às vezes, por momentos muito curtos, és quase capaz de te esquecer.
Então cada novo amanhã surge obrigando-te ao ritual matinal com o espelho da porta do guarda-roupas. Dias há em que a excelência no disfarce se sobrepõe, sentes-te aceitável. Noutros o osso pontiagudo saltado no meio dessas mamas descaídas em conjunto com a tua perna magra, encurvada, transformam-te numa evidente aberração. Uma mistura de gente com pombo ainda em processo. A Sorte não se cansa de te mostrar a verdade para que não ouses deslembrar. Perguntas-te calada como a terias ofendido.

Quando a dor do reflexo se torna lancinante, enxugas as lágrimas do rosto com os indicadores e clamas num sussurro pela propriedade da palavra que sabes ainda não ser completamente tua, onde a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora da deformação. A tensão não cessa. Repetes o teu mantra: poderias estar morta.

Sais do cubículo de tijolos caiado de branco, o teu quarto, demorando-te até atravessar a minúscula casa, a alcançar à porta da rua. Estás transformada numa ave parética, incapaz de voar embora ainda viva. Abaixas a cabeça, o muco salgado escorre pelas narinas. Puxa-o para dentro, ele agarra-se ao fundo da tua garganta com a saliva. A respiração bloqueia enquanto te esforças para engolir o que tiver de ser. Num gesto vão ergues-te uma última vez, fechas os olhos e respiras fundo.
Por fim passas a chave na porta como todos os dias, segues o teu caminho. O gesto mantém a trivialidade da tua vida como na de qualquer um. Praticas a tua rotina como sendo a garantia de uma aparente normalidade. É assim. Não é bom nem mau, apenas é. Acatas o que te destina a Sorte mas não a deixas saber de tudo. Alimentas silenciosa a esperança de um dia fazer toda tua a palavra de nascença.

margarida fonseca santos

conversa a partir do livro *Razões para Escrever*

ANDREIA BRITES

Margarida Fonseca Santos é um nome conhecido e reconhecido na área da promoção da escrita e da leitura, tanto como autora de livros infantojuvenis, como pela sua vasta profissão de pedagoga e educação musical se dedicar a estudar e divulgar a escrita. Tem vários livros sobre os processos e as estratégias para levar o público a escrever. Em parceria, tem-se dedicado a capacitar e estudar comportamentos e práticas que promovam a escrita criativa, a escrita e a oralidade, e é uma das compositoras no projeto Re-Word-it (#TYPELIVE).

Em 2019, publicou o livro *Razões para Escrever* (livro favoritos editora) e em 2020 *Razões para Escrever* (Nomadbaila), um livro de exercícios. Ambos os livros são ilustrados por Sofia Bala de seu blogue 77palavras (onde publica os exercícios do livro e também outros). Em 2021, publicou *Razões para Ler* (ilustrações também de Sofia Bala), e dará a conhecer a sua nova obra *Razões para Escrever Poesia* em breve. Margarida Fonseca Santos explanou as suas conclusões sobre a importância da escrita criativa e da escrita e a sua infelicidade ao não ser a leitora a escolher.

Que motivações te levaram ao livro Razões para Escrever?

Depois de tantos anos a trabalhar nesta área, investir em escrever, saber que as pessoas não sabem o que fazer com trabalho e porquê. No fundo, não havia um livro com uma metodologia específica que ajudasse a escrever e a ultrapassar, por exemplo para que a escrita acontece, é associada a algo, a memórias, a um cheiro, a um momento de ideias e memórias, a capacidade de melhorar o texto e o processo de escrita. Experimentei e percebi que as crianças e fazer um grande serviço à escrita de cada um e à forma como cada um escreve. Daí o livro *Razões para Escrever* surge assim como, se quisermos, a explicação de cada um dos exercícios.

Podemos vê-lo como complementar ao Desafios em 77 Palavras ou como um sucessor?

Complementar, com algumas diferenças, é completamente independentes. O *Desafios em 77 Palavras* é um compêndio de exercícios, que foi feito ao longo de quase 7 anos a trabalho, para a pessoa ou para a escola, e contém exercícios de diferentes níveis de dificuldade. Já o livro *Razões para Escrever* pega, através desse livro, chegamos a um processo de escrita criativa e de escrita criativa para além de exercícios ou seus textos, evidas os dos seus participantes. Experimentei, fiz e experimentei. Não é caso e um livro para o exercitador, enquanto o Razões para Escrever é um livro para quem quer ouvir a escrever ou estender como nada se processa.

Aparece o porta de casa, num dia chuvoso, a tarde prolongada. A pingar desesperadamente numa chaga. A alma em farrapos. Atredio e medroso, a recusar aproximação. Vislumbra-se um liberdade, numa vida plena em que fora outrora. Sinto-me, mas a rua era agora um abrigo insegura e vai-se embora por fim. A menina da casa deu-lhe o nome, comida e trato. Quis dar-lhe o coração, mas não aceitou. Pele Natas é avesso a treinos.

Zelinda Baião, 55 anos, Linda-a-Velha
Desafio nº 179 — exagermas-da-setenta e sete palavras — 77palavras.blogspot.com

Lembras-te da primeira oficina de escrita que orientaste? Para partilhar-nos connosco, como foi e quais as expectativas vividas, o que correu bem e menos bem, o que tenta-te aprender?

Foi na primeira edição do Folio, em Óbidos, e foi uma oficina de escrita criativa ao ar livre, perto do Castelo da Cruz, quarta-se entrevistas na área da música. Era também uma das primeiras vezes que ia a Biblioteca de Lisboa e estava colegas no curso de Formação Musical. Lembro-me de estar muito nervosa e de ter medo de trabalhar a escrita, e a Cristina Sialver por serenos amigos, que me ajudou a ver que não havia nada a temer. Nos duas turmas olhais, pude fazer uma boa por serenas e ao mesmo tempo, ver que não era nada de que tivesse de ter tal depois refrendando. Eram turmas com crianças e adolescentes, e foi muito fácil. Lembro-me de ter embora se achassem incapazes de ao escrever. O que aconteceu foi que, ao longo de uma hora e meia, todos os 1.º ao 2.º ano foi apaixonam. Chegámos a escrever e ao ouvir os textos uns dos outros. Foi um momento mágico. Lembro-me de ter ficado com a sensação de que, ao contrário do que pensava, não era preciso ter muita experiência para ser-se bom a orientar. Eram os mesmos sítios que eu dava-se e que, na Biblioteca, não funcionavam. Ou não. Cada um foi buscar um exercício, imitando o jogo e o prazer de escrever e ouvir.

Ao longo destes anos o teu pensamento sobre a escrita mudou em alguns sentidos?

Mudou muito. Hoje acredito que todos devemos escrever fazer sem, organizar as memórias, as mágoas, as alegrias e as palavras que nos habitam. Acredito, também, quando mais escrevemos, melhor escrevemos e, quanto mais escrevemos, mais queremos escrever. Não é coisa a usual sede de ser escritor. Essa parte é-me difícil de lidar. Mas acredito que todos podemos ser bons a escrever, se nos for dado o espaço e o tempo para isso, para o livre, de trabalho artístico. Uma vez, uma miúda disse-me que não era boa a escrever porque não sabia ler nem escritores, como fazer? Quando lhe explicamos o que queríamos dizer com escrever, ela disse: "Ah, isso eu sei muito trabalho, não vale a pena. O que defendo é que se escreve para ser lido e não ao para um bloque, e que se fez escritor é outra coisa.

Branca de Neve ao chegar encontrou a casinha cheia duma grande zaragata. Com os nervos já em franja, começou a morder a maçã. Mas a fada madrinha chegou: "Calma, miúda, nada de violência, que isto é SÃO SETE. VÁ LÁ, TENTE! ESPARAS a miudagem e esperas pelo príncipe que ajuda-te a dar confusões. Felizmente chegou o tempo. Se, entretanto, a maçã toda, acabava aqui a lenda, pois nem temos sorte como nas histórias de encantar...

Isabel Lopo, Lisboa
Desafio nº 179 — exagermas-das-setenta e sete palavras — 77palavras.blogspot.com

O que levou o pensamento e das dinâmicas de escrita que vem criando para o processo dos teus livros de ficção?

Por acaso não penso muito nisso. Acho que tudo o que aprendo leva a forma de induzir a escrita. Ajuda-me muito a ver o mundo de forma diferente e a conseguir imaginar o início da história tem o fim, às vezes começo pelo fim, mas acabo por o encontro, enquanto o desafio a escrever.

Na introdução de Razões para Escrever começou a escrever-se um pouco sem saber bem o que queria escrever, tornou-se um texto da escrita. Pudes explicar-nos relação entre escrita criativa e escrita livre?

Há uma batalha contínua na música que se prende com a questão se podemos ou não improvisar. Eu, improvisei para depois chegar à letura do som e, muito depois, ao texto, mas não é a regra. Não é a regra. Como qualquer língua, tem de ser ao contrário: primeiro o texto, depois a música. Mas improvisar é bom. E é bom ao fim escrever-se. Com o texto, podemos ter os mesmos problemas que qualquer um de nós tem ao falar: as congestões inventar ordenador, seguindo-se a letura e, ao fim, a escrita. Mas, ao contrário do que acontece com as dinâmicas de inventar, improvisar, afastamo-nos do prazer de escrever. Não é? Não sei se é bom ou mau, mas parece-me mais confortável se tens prazer. E estruturalmente mais fácil, porque não tens de pensar em tudo ao mesmo tempo, e escrevendo menos jogos de palavras. Já improvisar, se não tiveres um bom ouvido e não tiveres já que a forma de ensinar-se por ouvidar regressar a tudo o que ouviste, não é muito fácil. Mas também não é difícil. Só exercitar é outra coisa.

Branca de Neve ao chegar encontrou a casinha cheia duma grande zaragata. Com os nervos já em franja, começou a morder a maçã. Mas a fada madrinha chegou: "Calma, miúda, nada de violência, que isto é SÃO SETE. VÁ LÁ, TENTE! ESPARAS a miudagem e esperas pelo príncipe que ajuda-te a dar confusões. Felizmente chegou o tempo. Se, entretanto, a maçã toda, acabava aqui a lenda, pois nem temos sorte como nas histórias de encantar...

Isabel Lopo, Lisboa
Desafio nº 179 — exagermas-das-setenta e sete palavras — 77palavras.blogspot.com

O que levou o pensamento e das dinâmicas de escrita que vem criando para o processo dos teus livros de ficção?

Por acaso não penso muito nisso. Acho que tudo o que aprendo leva a forma de induzir a escrita. Ajuda-me muito a ver o mundo de forma diferente e a conseguir imaginar o início da história tem o fim, às vezes começo pelo fim, mas acabo por o encontro, enquanto o desafio a escrever.

Na introdução de Razões para Escrever começou a escrever-se um pouco sem saber bem o que queria escrever, tornou-se um texto da escrita. Pudes explicar-nos relação entre escrita criativa e escrita livre?

Há uma batalha contínua na música que se prende com a questão se podemos ou não improvisar. Eu, improvisei para depois chegar à letura do som e, muito depois, ao texto, mas não é a regra. Não é a regra. Como qualquer língua, tem de ser ao contrário: primeiro o texto, depois a música. Mas improvisar é bom. E é bom ao fim escrever-se. Com o texto, podemos ter os mesmos problemas que qualquer um de nós tem ao falar: as congestões inventar ordenador, seguindo-se a letura e, ao fim, a escrita. Mas, ao contrário do que acontece com as dinâmicas de inventar, improvisar, afastamo-nos do prazer de escrever. Não é? Não sei se é bom ou mau, mas parece-me mais confortável se tens prazer. E estruturalmente mais fácil, porque não tens de pensar em tudo ao mesmo tempo, e escrevendo menos jogos de palavras. Já improvisar, se não tiveres um bom ouvido e não tiveres já que a forma de ensinar-se por ouvidar regressar a tudo o que ouviste, não é muito fácil. Mas também não é difícil. Só exercitar é outra coisa.

O teu livro "Histórias em 77 Palavras" continua a ser desenvolvido e aperfeiçoado? Tem novidades a nível de finalidade, ainda que essencial, de publicação teu livro de exercícios de escrita?

Não, o livro está completo e o que o texto no blogue dá-me exercício extra. Há professores que revelam apenas exercícios, mas não só. Também há exercícios de leitura. E, de acordeor, depois de publicar tudo, é escrever-lhe. Também porque gosto muito de ver as ilustrações que Sofia Bala começam a querer melhorar e estão empreendidas-a-sino. Também os desafios que lhe são propostos. Mas não pode-se vão reproduzindo histórias estradas. Ficam feitos e não vão ser mudados. Não vão ser melhorados! Todos são importantes.

Finalmente a promoção! Surpreendeira a Mulher que tanto se queixava chamando-lhe tonta de alguns dias. Juntara as flores um cartão prendendo-lhe ao pina vidagem "de sonha". Mas mal chegou arrependeu-se. "Flores para quê, tonga de alpaca?" Era a oureta vez que dizia-lhe aquilo. Ainda ouvia-lhe a última frase, mas não chegou a dizê-lo. Mandou-lhe para o caralho e pagel no bolso. Só de manhã é ela encontrou. Era tarde! As flores eram para ou luz e Ele sumira rumo a outra vida...

Isabel Lopo, Algarve
Desafio nº 178 — 8 frases para usar no texto — 77palavras.blogspot.com

Partilhas-nos, livro, para além de propostas, as razões e os transformações dos teus grupos. Qual é o sentido último da tua jornada? E qual é o teu próximo passo?

O sentido último é que se mexeu mais e melhor, que se tenha divertido e que se tenha sido uma criança. O sentido acerto é que nas escolas se conser a ser mais criativo e mais livre, para que, no futuro, possa ser mais!

Os próximos passos estão no projeto Re-Word-it, e mais uma vez parceiro da música e do meu percurso no mundo musical e na escrita. Depois também estou a fazer a sala de aula, deixar que as histórias metaforas dedicheiçopalavra e poderosa pedagogia, publicar a escrita com grasso e treinar a audição interior, que todos os casos de dificuldade na leitura levam a dificuldade na escrita.

Em que assenta a tua apologia da escrita? No desenvolver do prazer da palavra?

Penso que assenta no prazer da palavra na sua função-mãe. Não é a história ou situação em si que dia o interesse pela história. É a forma como se conta essa história ou situação que cativa-nos e faz-nos querer ouvir mais! Acredito que a escrita é o que faz-nos entrelaçada. Escrever-se é o que nos escolhe e nos faz escrever e ouvir mais e mais e mais.

Os próximos passos estão no projeto Re-Word-it, e mais uma vez parceiro da música e do meu percurso no mundo musical e na escrita. Depois também estou a fazer a sala de aula, deixar que as histórias metaforas dedicheiçopalavra e poderosa pedagogia, publicar a escrita com grasso e treinar a audição interior, que todos os casos de dificuldade na leitura levam a dificuldade na escrita.

Em que assenta a tua apologia da escrita? No desenvolver do prazer da palavra?

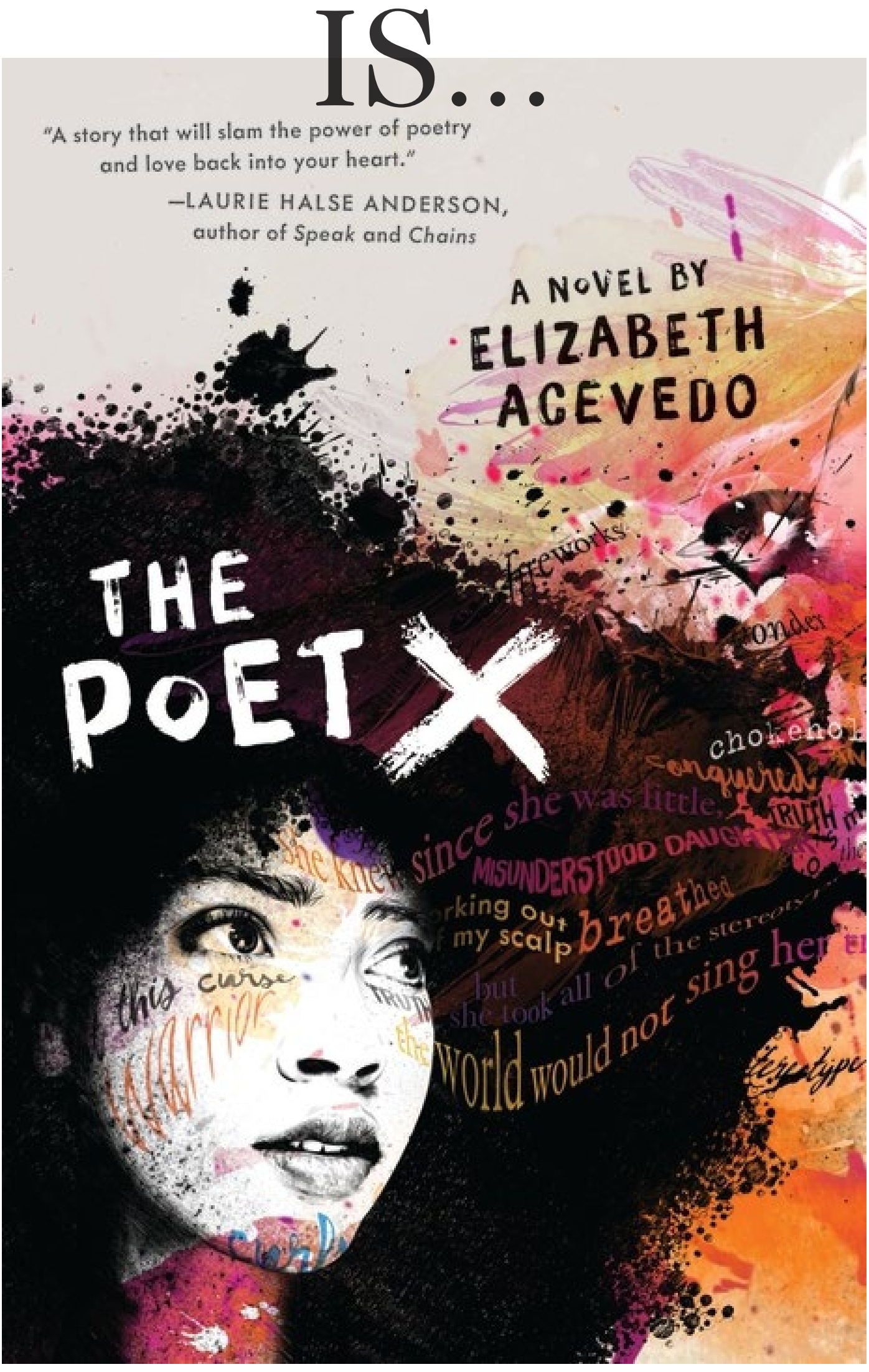
Penso que assenta no prazer da palavra na sua função-mãe. Não é a história ou situação em si que dia o interesse pela história. É a forma como se conta essa história ou situação que cativa-nos e faz-nos querer ouvir mais! Acredito que a escrita é o que faz-nos entrelaçada. Escrever-se é o que nos escolhe e nos faz escrever e ouvir mais e mais e mais.

Razões para Escrever

Margarida Fonseca Santos
Nónsalinha

Depois de uma nota de agradecimentos, segue-se uma descrição do que se pretende que se faça. Divre-nos manual de instruções para aprender a escrever melhor? E feito não vai ser assim. Para isso, Margarida Fonseca Santos nunca alguns momentos dedicados à escrita criativa e daqui a uma grande projeto: «As histórias em 77 Palavras». Depois, uma introdução à escrita, com dicas e truques para escrever, descrever onde tu ficam e percorrer um caminho que nos leva a escrever. Não é um livro de ordens de exercícios para fazer, mas sim um livro de desafios. Se há competições, apenas de cada um connosco mesmo. Não quero ganhar a ninguém, vividos porque cada processo e cada produto são únicos e cabe-nos descobrir o nosso caminho. Não há o espírito da partilha de dificuldades e estímulos é muito importante. Também não há o espírito de ver os textos, a ritura em vez ale, o desenvolvimento da capacidade de ver o que está bem e menos bem e a implicação da mediadora, que também participa respondendo aos desafios e dando-nos pistas para os pares, sem preocupações quanto a erróneos padrões de exigência ou correção. Margarida Fonseca Santos é a partilha leve e reviada, ao comentário construtivo, à ajuda. Propõe-nos exercícios adequados ao nível do número de palavras de cada exercício (77), variando desde exercícios mais simples (poucas palavras e frases. O meio do desafio é apenas o princípio. Mas esse processo será explicado mais adiante neste capítulo. Porquê? Para que os mediadores de escrita (aqueles a quem o livro se destina) não se limitem em uma/as aspetos fulcrais da textualização, como a construção, a coesão e a coerência textuais. Através dos desafios, os escritores não só se deparam com as regras de escrita, mas também com o reconhecimento de regras de construção sintática e de coesão e coerência textuais. Ao longo do processo de escrita, os escritores vão ser confrontados com os seus erros, não por mentes estrelas ou mentes de longo das mãos de um professor, mas com as suas experiências ficam para o fim, em jeito de coda, para que o escritor não se sinta inibido e para que sem esse envolvimento emocional que nos leva a fazer algo apenas e exclusivamente por fazer, e porque é importante que nos reconheçamos. Escrever é também um ato de coragem. E Margarida Fonseca Santos também se lhe dá a conhecer. Partilha diferenças e aberto para a falácia do pódio sem esforço.

AND THE WINNER IS...



Carnegie Medal

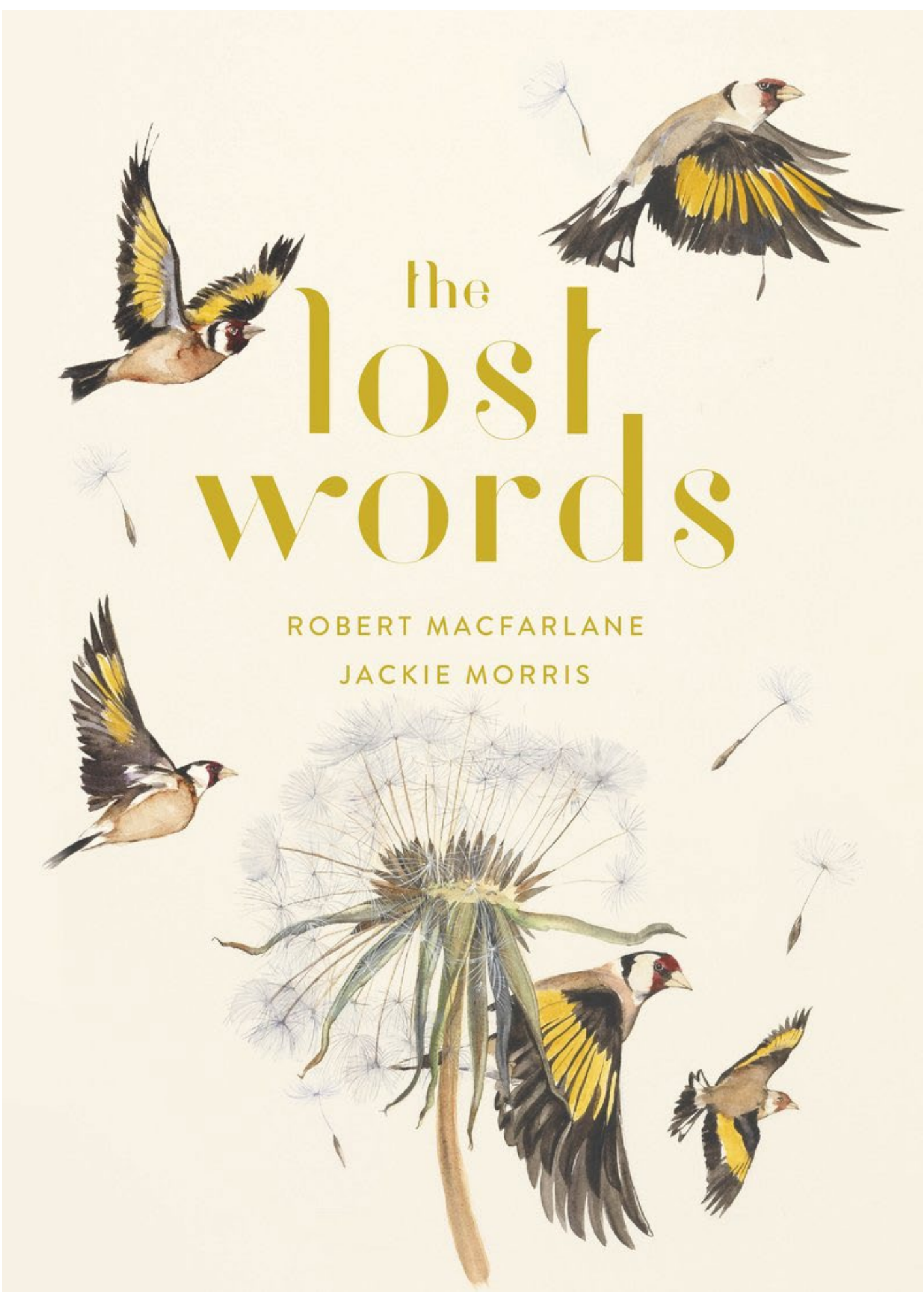
Elizabeth Acevedo
Poet X
Electric Monkey

Uma novela juvenil escrita em verso, inspirada na slam poetry, é o livro de estreia desta autora americana, professora e campeã nacional de Slam Poetry. A obra inspira-se nos seus alunos, cujas experiências de vida e identidade Elizabeth Acevedo não considerava estarem representadas na literatura juvenil.

Kate Greenaway

Jackie Morris
The Lost Words
Robert Macfarlane (texto)
Hamish Hamilton

São vinte feitiços que recuperam palavras relacionadas com a natureza excluídas, designadamente nomes de animais, de um dicionário para crianças. Para além de o livro ter tido um grande impacto junto de crianças e adultos e movimentos ambientalistas, a própria ilustradora britânica tem participado em ações públicas em defesa do planeta.



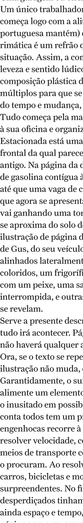
ESPELHO MEU

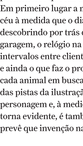
ANDREIA BRITES

Quito
Roger Ycaza
Pato Lógico

Coimbra
Catarina Sobral
Pato Lógico

Estes dois novos mapas trazem as visões mais pessoais de Quito e Coimbra, duas cidades improváveis numa hierarquia turística nem sempre justa. Precisamente por isso, a coleção A Minha Cidade prossegue na revelação de locais cujo critério depende exclusivamente do local que os ilustradores escolhem, seja a cidade de origem ou aquela que escolheram para viver. Nesta dualidade, Quito tem tudo de desconhecido para a maioria dos leitores, do espaço ao ilustrador que assina o livro-mapa. Roger Ycaza é um artista equatoriano que vive na capital do país, dedicando-se à música e à ilustração, especialmente de álbuns ilustrados. O seu mapa não tem outro objetivo senão o de dar a conhecer a cidade pelos seus olhos e experiências. Monumentos e a sua história vi-habitam com salas de espetáculos, maiores ou de pequenas dimensões, lugares de comida e bebida e livros. É um mapa do presente com reminiscências de memórias importantes em que a paisagem ou o grande plano é preterido em detrimento das pessoas e de pormenores icónicos, sejam uma estátua, um letreiro ou uma banca de mercado. Anis, azul e negro prevalecem sobre os brancos e os sombras adensam ambientes sensoriais. Muito diferente é a Coimbra de Catarina Sobral, logo numa primeira impressão plástica. As formas mais definidas e planas não se esquivam ao humor das expressões da protagonista e de outros figurantes. Será esse o elemento mais surpreendente deste mapa: a narrativa que se limita não apenas no espaço da cidade como no tempo de lições da rapariga que ora passeia de manhã curta ora aparece envolta em cachecol, casaco e gorro. O texto partilha um quotidiano de lugares de passagem e paragem, entre o transporte entretanto desaparecido que levava estudantes, trabalhadores e quem mais quisesse ou precisasse, da Lousã até Coimbra. Na perspetiva da narradora, o comboio constituía tempo essencial para desenhar, encontrar colegas ou estudar. Para quem conhece minimamente a cidade ou dela já ouviu falar, reencontra pontos nevrálgicos como o Quebra Costas, a Universidade, a baixa ou o Jardim da Sereia. O texto, por seu turno, oferece a cada lugar uma história individual e um olhar do que foi estar por ali com o tom sempre acutilante da autora, revelando aqui e ali perplexidades que os grandes olhos redondos com dois pontos negros reforçam ainda mais.
Ler estes dois mapas em paralelo é uma experiência que se complementa, pela diferença abissal do estilo, pelas idiossincrasias biográficas de cada um dos seus autores e a forma como escolheram descrevê-las e representá-las nos seus livros.





A garagem do Gus
Leo Timbers
Harperkids

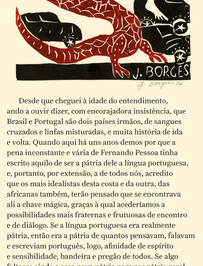
Uma garagem ou oficina. À volta, parece o deserto. Um único trabalhador, o dono: Gus. O jogo sonoro começa logo com a alteração no título (que a tradução portuguesa manteve) e prossegue com uma estrutura rimática é um refrão que se repete a cada nova situação. Assim, a componente textual contribui com leveza e sentido lúdico para esta narrativa linear. Já a composição plástica da ilustração obedece a detalhes múltiplos para que se cumpra esse efeito de passagem do tempo e mudança, cerne da história do porco Gus. Tudo começa pela manhã, quando o mecânico chega à sua oficina e organiza o espaço para abrir a porta. Estacionada está uma bicicleta com uma bagageira frontal da qual parece emergir um bocal de um telefone antigo. Na página da direita, e excetuando a bomba de gasolina contígua à oficina, só horizonte. Dir-se-ia até que uma vaga de calor se vai abater sobre o lugar, que agora se apresenta de céu quase transparente e vai ganhando uma tonalidade limão à medida que se aproxima do solo de terra. No lado esquerdo da ilustração de página dupla, para além da garagem, de Gus, do seu veículo, há um conjunto de objetos alinhados lateralmente: um cadeirão roto, dois bidões coloridos, um frigorífico, uma banheira, um aquário com um peixe, uma salamandra com a chaminé interrompida, e outras formas que apenas parcialmente se revelam.
Serve a presente descrição para enunciar o espaço onde tudo irá acontecer. Página dupla após página dupla, não haverá qualquer alteração neste enquadramento. Ora, se o texto se repete e o enquadramento da ilustração não muda, o que sobra?
Garantidamente, o suficiente para que o álbum alimente um elemento surpresa constante e converta o inusitado em possibilidade. Neste jogo de faz de conta todos tem um problema e Gus será o herói. O engenhocas recorre à parafernália que recolhe para resolver velocidade, conforto ou temperatura dos meios de transporte convencionais dos animais que o procuram. Ao resolver os problemas transforma carros, bicicletas e motoretas em veículos futuristas e surpreendentes. No final do dia quase todos os objetos desperdiçados tinham sido reutilizados mas haveria ainda espaço e tempo, na única ilustração de uma página sem a garagem por perto, para uma surpresa final.
À originalidade das criações de Gus juntam-se a expressividade de todas as figuras e um sem fim de pormenores que faz da ilustração o centro do álbum. Em primeiro lugar a mudança de tonalidades do céu à medida que o dia avança, depois o que se vai descobrindo por trás da tralha alinhada ao lado da garagem, o relógio na parede que vai dando conta dos intervalos entre clientes e o tempo dedicado a cada um e ainda o que faz o protagonista quando se aproxima cada animal em busca de auxílio. O que se intui parte das pistas da ilustração e nela se tece a descrição da personagem e, à medida que a estrutura narrativa se torna evidente, é também a cada página dupla que se prevê que invenção nascerá a seguir.

saramaguiana

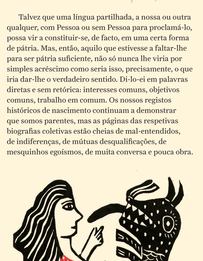
Neste mês de julho, Pilar del Río esteve em Brasília a convite da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada) para encerrar a 16ª edição do congresso anual que a associação organizada. A presidenta da Fundação José Saramago recordou, em sua fala, que 13 anos antes, em janeiro de 1996, acompanhou José Saramago à capital do Brasil para a cerimônia de entrega do Prêmio Camões ao escritor. Nesta edição, a Blimunda recupera o discurso pronunciado por José Saramago, diante de autoridades e amigos, na ocasião.

JOSÉ SARAMAGO

Senhor Presidente, permitir-me-á que reserve para o fim as palavras formais de agradecimento, não porque elas não sejam devidas já, mas porque terei de agradecer-lhe, nessa altura, por esperançosa antecipação, muitíssimo mais (imagine!) que a honra que nos deu, a minha Mulher e a mim, ao convidar-nos a vir ao Brasil, eu, para receber das suas mãos o Prêmio Luís de Camões, ela, porque aonde vai um, vai o outro.

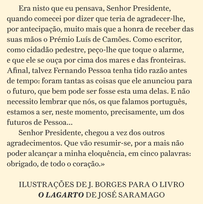


Desde que cheguei à idade do entendimento, ando a ouvir dizer, com encorajadora insistência, que Brasil e Portugal são dois países irmãos, de sangues cruzados e linfas misturadas, e muita história de ida e volta. Quando aqui há uns anos demos por que a pena inconstante e vária de Fernando Pessoa tinha escrito aquilo de ser a pátria dele a língua portuguesa, e, portanto, por extensão, a de todos nós, acredito que os mais idealistas desta costa e da outra, das africanas também, terão pensado que se encontrava ali a chave mágica, graças à qual acederíamos a possibilidades mais fraternas e frutuosas de encontro e de diálogo. Se a língua portuguesa era realmente pátria, então era a pátria de quantos pensavam, falavam e escreviam português, logo, afinidade de espírito e sensibilidade, hanseática e pregão de todos. Se algo faltasse ainda a essa nova pátria para ser pátria geral, que não desesperássemos, porque o tempo resolveria os problemas, e todo o mais nos havia de vir por acréscimo. Entretanto, trataríamos de conhecer-nos, a nós próprios e às gerações, repetindo, até à náusea, que a nossa pátria é mesmo a língua portuguesa. Pobre e sofredora pátria essa, digo eu, tão mal ensinada, tão mal aprendida, inçada grotescamente de estrangeirismos inúteis, instrumento que já parece em risco de perder a necessidade e a serventia!



Talvez que uma língua partilhada, a nossa ou outra qualquer, com Pessoa ou sem Pessoa para proclamá-lo, possa vir a constituir-se, de facto, em uma certa forma de pátria. Mas, então, aquilo que estivesse a faltar-lhe para ser pátria suficiente, não só nunca lhe viria por simples acréscimo como seria isso, precisamente, o que iria dar-lhe o verdadeiro sentido. Di-lo-ei em palavras diretas e sem retórica: interesses comuns, objetivos comuns, trabalho em comum. Os nossos registos históricos de nascimento continuam a demonstrar que somos parentes, mas as páginas das respectivas biografias coletivas estão cheias de mal-entendidos, de indiferenças, de mútuas desqualificações, de mesquinhos egoísmos, de muita conversa e pouca obra.

Senhor Presidente, não creio que, ao convidar-me a vir ao Brasil receber o Prémio Luís de Camões, a sua intenção tenha sido apenas a de estabelecer, diplomaticamente, um princípio de alternância que, em verdade, já estava tardando. Quero antes pensar que este ato solene significa, no seu espírito, o primeiro movimento de uma mudança de estilo e de ação nas relações culturais entre os países a que chamamos de língua oficial portuguesa. Quero pensar que, num futuro próximo, já que não poderá ser imediato, todos esses países — Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Portugal —, consoante as disponibilidades humanas e financeiras de cada um, possam elaborar e pôr em funcionamento um plano de trabalho conjunto, atento, naturalmente, às circunstâncias e exigências nacionais, mas visando, com um espírito generoso e aberto, a preservação equilibrada e a difusão eficaz da língua portuguesa no mundo, mas também, e sobretudo, no próprio interior dos países que a falam, os nossos.



Era nisto que eu pensava, Senhor Presidente, quando comecei por dizer que teria de agradecer-lhe, por antecipação, muito mais que a honra de receber das suas mãos o Prémio Luís de Camões. Como escritor, como cidadão pedestre, peço-lhe que toque o alarme, e que ele se ouça por cima dos mares e das fronteiras. Afinal, talvez Fernando Pessoa tenha tido razão antes de tempo: foram tantas as coisas que ele anunciou para o futuro, que bem pode ser fosse esta uma delas. E não necessito lembrar que nós, os que falamos portugués, estamos a ser, neste momento, precisamente, um dos futuros de Pessoa...

Senhor Presidente, chegou a vez dos outros agradecimentos. Que não resumir-se, por a mais não poder alcançar a minha eloquência, em cinco palavras: obrigado, de todo o coração.»

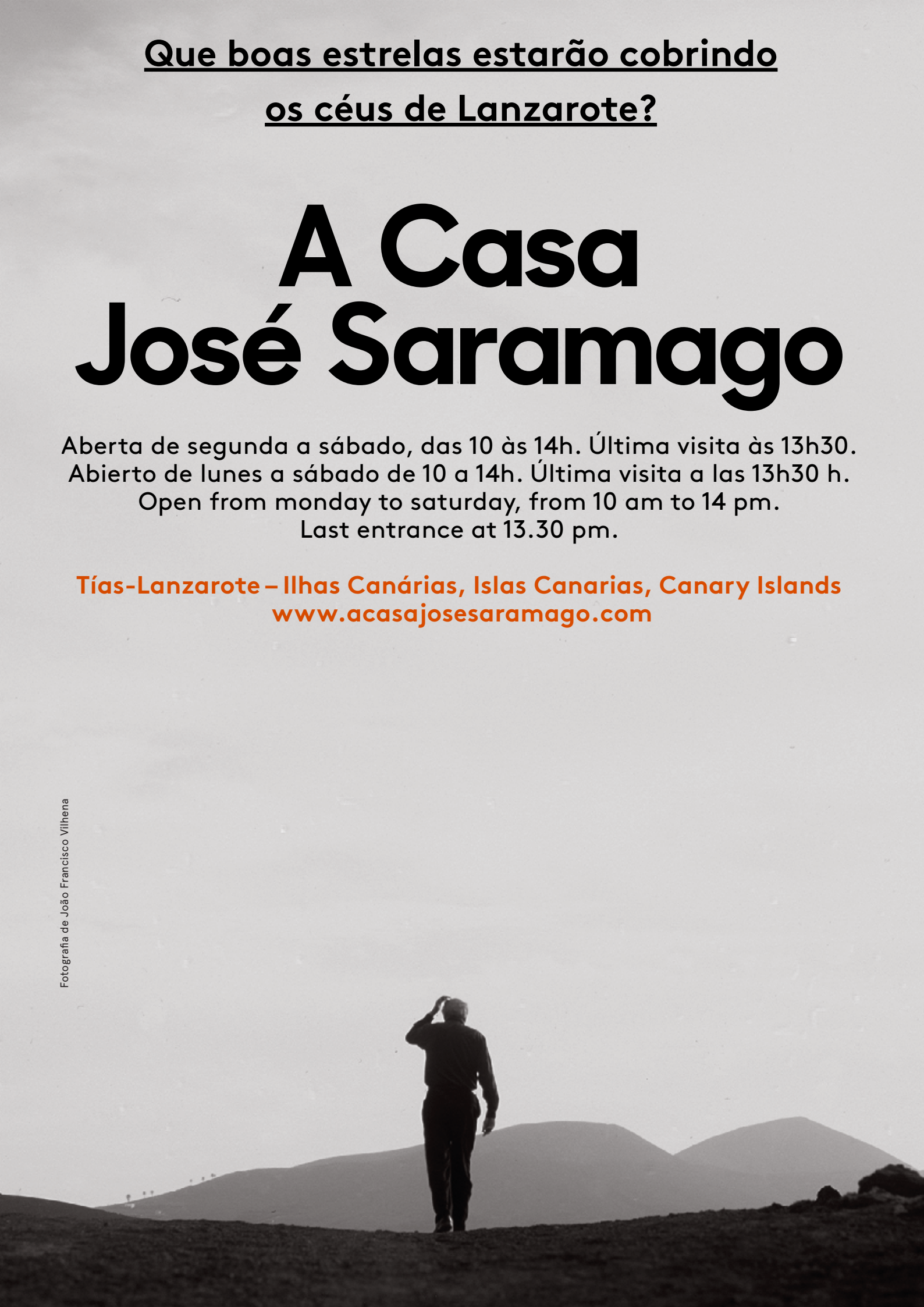
ILUSTRAÇÕES DE J. BORGES PARA O LIVRO *O LAGARTO* DE JOSÉ SARAMAGO

Que boas estrelas estarão cobrindo os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.
Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands
www.acasajosesaramago.com



Fotografia de João Francisco Vilhena

julho

Até 30 agosto
Teatro Tônico

Ciclo de palestras de introdução à história do teatro ocidental, reunindo importantes nomes das artes cénicas brasileiras e internacionais. Rio de Janeiro, Teatro Tablado.

Até 8 setembro
Tetsuya Ishida. Autorretrato de outro

Oportunidade para ver a obra do artista plástico japonês cujo trabalho reflete sobre a contemporaneidade, a incomunicação e o modo como a economia e a política vão definindo o nosso quotidiano. Madrid, Museo Reina Sofía.

Até 3 novembro
Viagem ao Princípio: Ida e Volta. Coleção de Serralves 1989–2019

Exposição que assinala o trigésimo aniversário da Coleção da Fundação de Serralves através da apresentação de obras da sua coleção que, de alguma forma, têm um significado e um lugar destacado na génese e na história deste museu. Porto, Museu de Serralves.

Até 30 de novembro
Are You a Tourist?/ O Que É Ser Turista?

Uma exposição interativa que convida à reflexão sobre as práticas turísticas e a arbitrariedade dos limites do que é 'ser' turista, contrapondo-o com os 'residentes' e com outras figuras em mobilidade de lazer ou não. Lisboa, Padrão dos Descobrimentos.

Até 1 dezembro
¡Feminismos!

Duas exposições inseridas numa programação mais vasta dedicada aos feminismos atuais: La Vanguardia Feminista de los anos 70. Obras de la Verbund Collection, Viena e Coreografias del género. Barcelona, Centre de Cultura Conteporània.

SERIE VIOLENCIA MUJER. LA DESCARGA. MARY BETH EDELSON. 1974-1975.

8 agosto a 1 setembro
Mário. História de Um Bailarino no Estado Novo

Espetáculo de Fernando Heitor livremente inspirado na vida de Valentim de Barros, bailarino e homossexual, perseguido e internado numa instituição psiquiátrica durante o salazarismo. Lisboa, Cinema S. Jorge.

23 e 24 agosto
Cineconcertos: Ask Father e Sherlock Jr.

Filmes de Hal Roach e Buster Keaton musicados ao vivo por Noiserv e Nuno Silva, inseridos na programação dos Cineconcertos do Cineclube de Viseu. Aguiar da Beira e Nelas.

A sociedade humana actual está contaminada de mentira como da pior das contaminações morais, e ele é um dos principais responsáveis. A mentira circula impunemente por toda a parte, tornou-se já numa espécie de outra verdade.

O Caderno (2009)